



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

VANESSA AGRA CAVALCANTI

LÍDERES COM TRAÇOS DE PERSONALIDADE AUTORITÁRIA E AS MASSAS

Maceió
2023

VANESSA AGRA CAVALCANTI

LÍDERES COM TRAÇOS DE PERSONALIDADE AUTORITÁRIA E AS MASSAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Psicologia. Orientador: Cleyton Sidney de Andrade.

Maceió
2023

LÍDERES COM TRAÇOS DE PERSONALIDADE AUTORITÁRIA E AS MASSAS

Vanessa Agra Cavalcanti¹

RESUMO: A teoria freudiana, desde a década de 1920, já tratava sobre a psicologia das massas e sua influência sobre o sujeito e na forma que a mesma se relaciona com seu líder. O Brasil já passou por uma ditadura militar, e mais recentemente voltou a eleger um presidente ligado às forças armadas. Esta pesquisa de caráter bibliográfico, almeja contribuir para o debate sobre as condições que levam uma massa a se sujeitar a líderes com personalidades autoritárias e a influência destes na população e nos cenários geopolíticos internacionais a partir de uma leitura psicanalítica sobre o tema. Observou-se que, os líderes com traços de personalidade autoritária, costumam apresentar atributos que os tornam atraentes para as massas, como forte senso de autoconfiança, superioridade e atitude autoritária, que criam um ar de confiança levando a uma falsa sensação de segurança, gerando obediência e medo que lhes permite controlar a população. É necessário disseminar cada vez mais o conhecimento sobre esse tipo de pessoas, possibilitando reconhecê-los e identificá-los, evitando que assumam cargos de lideranças, bem como, incentivando que a população lute pela garantia dos direitos do indivíduo, a dignidade humana, e sobretudo, para que a democracia seja respeitada e protegida.

Palavras Chave: Psicologia das Massas. Líderes de Massa. Personalidade Autoritária. Psicanálise.

ABSTRACT: Freudian theory, since the 1920s, already dealt with the psychology of the masses and its influence on the subject and the way it relates to its leader. Brazil has already gone through a military dictatorship, and more recently it returned to elect a president linked to the armed forces. This bibliographical research aims to contribute to the debate on the conditions that lead a mass to subject themselves to leaders with authoritarian personalities and their influence on the population and on international geopolitical scenarios from a psychoanalytical reading on the subject. It was observed that leaders with authoritarian personality traits tend to have attributes that make them attractive to the masses, such as a strong sense of self-confidence, superiority and an authoritarian attitude, which create an air of confidence leading to a false sense of security, generating obedience and fear that allows them to control the population. It is necessary to disseminate more and more knowledge about this type of person, making it possible to recognize and identify them, preventing them from assuming leadership positions, as well as encouraging the population to fight for the guarantee of individual rights, human dignity, and above all, so that democracy is respected and protected.

Keywords: Mass Psychology. Mass Leaders. Authoritarian Personality. Psychoanalysis.

Introdução

O homem é reconhecidamente um ser social, que precisa do outro não apenas para viver, mas principalmente, para constituir-se como ser humano. E de sua convivência, surgem

¹ Graduanda em Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL; e-mail: vanessa.cavalcanti@ip.ufal.br

as mais variadas formas de relação, benéficas ou não, desde relações de sociedade, a guerras mundiais, e foi assim que, na história da civilização, surgiram alguns líderes com aspectos e personalidades consideradas totalitárias, que guiaram grandes massas e populações, e tiveram papel fundamental na história, que levaram sociedades ao ápice, ou à ruína, a integração, ou a movimentos revolucionários e separatistas, e tais transformações foram tecendo o cenário econômico e geopolítico atual do mundo, com divisões dos países em categorias consideradas; primeiro mundo: países capitalistas desenvolvidos ou ricos; segundo mundo: países socialistas; terceiro mundo: países capitalistas subdesenvolvidos ou pobres.

No início do século 20, quando Adolf Hitler e os nazistas estavam ganhando poder na Alemanha, Sigmund Freud, o pai da psicanálise, publicou seu livro *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1920), onde o mesmo se debruçou sobre o tema dos líderes de massa. O trabalho de Freud examinou as características psicológicas de políticos famosos como Benito Mussolini e Adolf Hitler, juntamente com Ludwig II da Baviera e Frederico II da Prússia. Freud argumentou que esses homens cresceram com pais autoritários e que, quando adultos, cada um desses homens se tornou um líder que tinha o poder de influenciar as massas de pessoas.

Ao analisar as vidas desses homens, e os eventos de suas vidas, para compreender melhor as coisas que moldaram as atitudes desses ditadores, Freud acreditava poder entender o que os tornava líderes tão bem-sucedidos, e que tal compreensão, ajudaria a explicar a influência que os líderes, tinham sobre as massas e o sujeito, quer esses líderes fossem reais ou mesmo, simbólicos.

Não obstante, as massas sejam consideradas por muitos autores como sendo “impulsiva, volúvel e excitável” (FREUD, 1920-2011), o Brasil foi cenário de diversas aglomerações, para os mais variados fins, desde as massas religiosas, ou mesmo as mobilizações coletivas e revoltas populares que permeiam a formação da nacionalidade e tem levado à conquista de direitos fundamentais, trabalhistas, entre outros tendo demonstrado não apenas a força de tal união de indivíduos, bem como sua necessidade nos mais diversos contextos e seus benefícios para a civilização.

O cenário político iniciado em 2014 no Brasil com manifestações populares em protesto ao governo de Dilma Rousseff e à corrupção existente no meio político nacional, instaurou na população uma escancarada dicotomia política-ideológica populacional entre a chamada “esquerda” e a “direita” no país, que culminou no Impeachment da presidente, e na prisão de diversos políticos, empresários e pessoas envolvidas no que ficou conhecida como “Operação da Lava-Jato”, entre elas, o ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o que acirrou ainda mais tal dicotomia, que, nas eleições de 2018 elegeu como presidente Jair Messias Bolsonaro, um político de extrema direita, e que, em 2022, elegeu novamente o já

citado político de esquerda, Luiz Inácio Lula da Silva, na disputa mais acirrada da história do Brasil desde a instituição da República.

A eleição de tais figuras de liderança, principalmente por suas visões ideológica-política tão diametralmente opostas, tem consequências imensuráveis na vida da população em todos os seus aspectos, uma vez que neles foram e estão sendo depositadas não apenas a esperança de mudanças e melhorias, mas sobretudo o poder para guiar uma nação.

Assim, surge a importância do estudo, análise e compreensão da influência que os líderes exercem sobre as grandes massas, nas construções e mudanças sociais, principalmente se esses líderes apresentarem traços de personalidade autoritários, e no que esse autoritarismo poderia influenciar essa massa, buscando compreender as construções sociais que advém dessas figuras ditas “messiânicas”.

Por isso, busca-se realizar uma análise sobre as figuras de líderes autoritários das grandes massas, sob a ótica psicanalítica, especialmente nas obras freudianas como maneira de contribuir para o debate das influências que os mesmos exercem na construção e nas mudanças sociais, através de coleta bibliográfica de dados sobre o tema e analisando as consequências das ações que tais figuras podem exercer.

Metodologia

Neste trabalho, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico de cunho qualitativo, no qual, “[...] o pesquisador procura mostrar através da literatura já publicada o que já se sabe sobre o tema, quais as lacunas existentes e onde se encontram os principais entraves teóricos ou metodológicos.” (LUNA 1997 apud LAVORANTI, 2005, p. 27).

Portanto, a importância da pesquisa bibliográfica para Brito, De Oliveira & Da Silva (2021) está na possibilidade de buscar novas descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos. Sendo esta, uma “impulsionadora do aprendizado, do amadurecimento, levando em conta em suas dimensões os avanços e as novas descobertas nas diferentes áreas do conhecimento.” (p. 8)

Para Lakatos e Marconi (2003) as fases da pesquisa bibliográfica seriam: escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação e redação, com as quais trabalharemos. Lembrando que, o caráter da presente pesquisa é qualitativo; quando se tem o intuito de compreender e aprofundar o conhecimento acerca de um determinado fenômeno (MINAYO, 2014).

Uma vez que, o objetivo da presente pesquisa é o compreender melhor o fenômeno do surgimento de líderes autoritários de grandes massas; realizar-se-á: um levantamento sobre como a figura de líderes de massa é retratada pela psicanálise, uma pesquisa sobre o comportamento de massa, frente às diferenças, a partir da visão Freudiana e; debruçando-se

sobre o contexto histórico, econômico e social que permitiu o surgimento de alguns líderes de massa com personalidade autoritária na política nacional e internacional.

Capítulo I: Constituição das massas

O primeiro conceito importante para a realização do presente trabalho, é o de “civilização”, a qual, Freud considera como:

[...] a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si. (FREUD 1930 - 2010, p. 48-49)

Portanto, veja-se que, desde então, Freud, assim como outros tantos antes dele, como Hobbes por exemplo, partem da perspectiva de que o homem “lobo do próprio homem”, precisa de uma regulamentação de si, e de suas ações, dentre elas, a forma como esse homem se relaciona com os demais. Freud (1920 - 2011) explica ainda que, no que se refere à constituição psíquica do ser humano, a alteridade - para Lacan, o chamado “Outro” - é tido como modelo, objeto, auxiliar, adversário, e que portanto, estudar o indivíduo, é sobretudo estudar as chamadas “relações sociais”, que colocam o indivíduo na posição de membro de um povo, uma tribo, uma casta, classe, instituição, ou mesmo aglomeração que se reúne de maneira temporária, com determinado fim, servindo para Freud (1930 - 2010) o elemento cultural, como a primeira tentativa de regulação dessas relações.

Tal elemento da cultura, se daria então a partir da união de uma maioria que se torna mais forte que qualquer um dos seus indivíduos em sua individualidade, conservando-se e preservando-se ao longo do tempo (FREUD, 1930 - 2010). De tal maneira que, não há, portanto, sociedade civilizada sem cultura. Entretanto, surge o questionamento sobre a razão pela qual esses indivíduos se submetem portanto a essa regulamentação, para o convívio, sabendo que terá de abrir mão de seus desejos, vontades, instintos, reflexos, em prol dessa alteridade.

Pois, tal como Freud (1920 - 2011) já indicava, esse indivíduo, que antes era cheio de desejos, pulsões, valores, princípios, que se tornara compreensível e justificável para ela, em determinada condição “pensa, sente e age de modo completamente distinto do esperado, e esta condição é seu alinhamento numa multidão que adquiriu a característica de uma “massa psicológica”.” (p. 17)

Assim, é necessário que se admita primeiramente o que diz Safatle (2020) no sentido de que, as pessoas se unem com quem elas possuem alguma forma de vínculo, podendo este ser das mais variadas origens, e para ele, “constituir vínculos políticos é indissociável da capacidade de ser afetado [...]” (SAFATLE: 2020, p. 23).

O que significa que, a partir do momento que vínculos surgem, os indivíduos seriam afetados em sua vida íntima, profissional, em sua religiosidade, sendo impelidos a pensar, sentir e agir de maneira completamente distinta do que se esperaria dele, se agisse isoladamente, fundamental portanto,

compreender a forma como indivíduos produzem crenças, desejos e interesses a partir de certos circuitos de afetos [...], uma vez que, tais circuitos os levam a justificar, para si mesmos, a necessidade de aquiescer à norma, adotando tipos de comportamentos e recusando repetidamente outros. (Safatle: 2020, p. 48)

Em outros termos, poder-se-ia explicar tal fenômeno como o surgimento do que Freud (1930 - 2010) chama de Super-eu da cultura, com origem semelhante ao Super-eu de um indivíduo, mas baseando-se nas impressões de grandes personalidades-líderes, instituindo severas exigências, punidas através da consciência e da ética, isso porque, uma vez inseridos numa “massa psicológica”, ou seja, nesse ser provisório, que conforme explica Le Bon (1895 *apud* FREUD 1920 - 2011), é composto de elementos heterogêneos com a sua união, eles geram um ser novo com características diferentes das características individuais, esses indivíduos se tornam possuidores da chamada alma coletiva.

Insta observar que, tal união não soma as características de cada um de seus membros, senão cria um novo elemento, com características próprias, como um novo organismo, onde esses indivíduos se ligariam em unidade.

Capítulo II: Líderes de massa

Para Le Bon (1895 *apud* FREUD 1920- 2011), a massa “não pode jamais viver sem um senhor”, e que por isso, a massa se tornaria um cenário ideal para o surgimento de um líder, devendo este, no entanto, corresponder ele próprio às necessidades dessa massa.

Ou seja, por mais que a massa tenha necessidade de um líder, para que alguém acenda a este posto, deve ele mesmo “estar fascinado por uma forte crença (numa ideia), para despertar crença na massa; ele tem de possuir uma vontade forte, imponente, que a massa sem vontade vai aceitar.” (FREUD: 1920 - 2011, p. 25), ou seja, “os líderes adquirem importância pelas ideias de que eles mesmos são fanáticos.”, ideia que vai ao encontro do que pensava Hoffer (1968 *apud* JESUS, 2013) quando considerou que todos os movimentos de massa seriam doutrinários, tendendo ao fanatismo.

Veja-se ainda, como em *Totem e tabu*, Freud (1913 - 2012) se debruça sobre a visão das massas dessas figuras de autoridade como chefes, reis, governantes, como seres intocáveis, proibidos em algum grau, isso porque, segundo o autor, a convivência ou o deparar-se com tamanho poder seria em algum grau insuportável para os súditos/ governados, gerando nesses, sentimentos de tentação, de desejo, pulsão, que uma vez saídos do inconsciente, poderiam representar perigo real à sociedade. Posteriormente, em *Psicologia das*

massas e análise do Eu (1920 - 2011), o autor complementa que; ser um líder, seria ter um poder misterioso, irresistível, “prestígio”, sendo este último, “uma espécie de domínio que uma pessoa, uma obra ou uma ideia exerce sobre nós. Paralisa toda a nossa capacidade crítica e nos enche de espanto e respeito.” (p.31).

Essa ideia traz consigo um sentimento mobilizador, o medo. Safatle (2020, p.16) considera que “compreender sociedades como circuitos de afetos implicaria partir dos modos de gestão social do medo, [...] enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma.”. O que se vê atualmente, nos discursos neoliberais são sempre conteúdos mobilizadores do medo. Medo da morte violenta, da despossessão, da invasão de privacidade, do desrespeito à integridade, a individualidade e a coesão social, que levam à criação de uma cultura emergencial sempre latente, com a sensação de risco iminente e contínuo de ser violado pelo outro.

Assim, é fundamental a reflexão sobre como a mobilização desses afetos serve como base de sustentação da adesão social, tal como aponta Safatle (2020). Portanto, a administração da massa, desde tempos longevos, baseia-se na premissa da dicotomia entre o “nós” e o “eles”, diminuindo esse outro, e reificando-o enquanto objeto, e unindo o “nós” na busca pela defesa e garantia de valores morais, ideias, posses e necessidades em comum. O que se entende a partir disso é que, na força dessa união em torno de um ideal, desse algo em comum, desse princípio, valor e mesmo desse líder, reside o segredo da coesão da massa. Para Freud (1930 - 2010) o que une a massa, seria o sentimento de ter algo em comum entre elas, que as difere das demais; seria o fato de que, “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras pessoas para que se exteriorize a agressividade” (p. 81).

Atualmente, isso pode ser visto nas demonstrações de ódio muitas vezes direcionado ao que não se enquadra nos moldes de determinada massa, baseado no medo da diferença, ou seja, as massas possuem um desejo de destruição das minorias, daquilo que foge às suas regras fundamentais (DA SILVA E CAMINHA, 2019). A alteridade é entendida, portanto, como objeto construído e substituível como anteparo para se descarregar os impulsos agressivos (DA COSTA, 2019).

Embora Freud (1920 - 2011) alerte para o fator da sugestão mútua entre os indivíduos da massa, ele admite que a mesma pode vir a ruir diante da perda de seu líder, uma vez que tal ruína, poderia irromper na massa um sentimento de pânico, ante um perigo que permanece; o da alteridade, e uma vez desaparecendo a ligação com o líder, desapareceria também, via de regra, as ligações recíprocas dos indivíduos da massa, tendendo essa a se desintegrar.

Freud (1920 - 2011) se debruça então sobre o que levaria os indivíduos a essa relação com o líder, e ele inicia sua análise falando sobre a identificação do sujeito tanto com a massa,

quanto, com o seu líder. Esta que seria a mais antiga manifestação de ligação afetiva com outrem, e que se manifesta desde o complexo de Édipo na constituição do indivíduo, que se traduz numa vontade inconsciente de ser como o outro, que o toma como modelo. Entretanto, a identificação é ambivalente, e pode se tornar “tanto expressão de ternura, como desejo de eliminação.”. (p. 61)

Em seguida, Freud (1920- 2011) debruça-se sobre o enamoramento e a hipnose, alega então que, no enamoramento, há o que ele chama de fenômeno da “superestimação sexual”, ou seja, o objeto amado está isento de críticas, e seus atributos são hiper valorizados diante dos demais, ou seja, há aí, uma idealização. Esse objeto ocupa então um espaço de substituição de um ideal não alcançado do próprio Eu, e tal sentimento pode evoluir a tal grau, que o auto sacrifício do Eu, se torne uma consequência natural.

Ou seja, o amor a si encontra limite apenas no amor ao outro, e causa uma mudança do egoísmo em altruísmo, permitindo assim, que as massas sejam capazes dos maiores atos de heroísmo, e igualmente, criminosa e sem remorso. Poder-se-ia perguntar sobre a diferença entre a identificação e o enamoramento, ao que Freud (1920- 2011, p. 73) explica como recaindo no “objeto ser colocado no lugar do Eu, ou o ideal do Eu.”.

Passando para a hipnose, tal relação é uma “irrestrita entrega enamorada em que se acha excluída a satisfação sexual, enquanto no enamoramento, [...] fica em segundo plano, como possível meta futura.” (FREUD, 1920 - 2011, p. 74). A hipnose seria uma relação entre duas pessoas, o hipnotizador e o hipnotizado, que formaria uma massa de duas pessoas, e que por isso se distinguiria da formação da massa, bem como do enamoramento, pela falta de impulsos sexuais diretos, configurando-se numa posição entre os outros dois.

Por fim, Freud (1920- 2011) explica então sobre uma massa, que tem um líder, que: “Uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e , em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.” (p. 76).

Capítulo III: Entendendo o autoritarismo

Adorno (1951 *apud* DA COSTA, 2019) realizou uma pesquisa intitulada *The Authoritarian Personality*; “A Personalidade Autoritária” em tradução livre, onde se utiliza da teoria freudiana sobre a Psicologia das massas e a análise do Eu (1920 - 2011) para fazer uma análise sobre as dinâmicas pulsionais envolvidas na ascensão de Hitler; e indica como ela pode ser usada para compreender o fenômeno do fascismo que os autores viam em pleno desenvolvimento nos EUA do pós-Segunda Guerra Mundial.

Em seus estudos, Adorno (1951 *apud* DA COSTA, 2019, p.20-21) utilizou estudo de caso de nazistas da Segunda Guerra, e testes psicométricos através da chamada “Escala F”

(“F” de fascista), bem como entrevistas clínicas para estipular alguns traços de personalidade que indicam predisposição dos indivíduos a ideias totalitárias, quais sejam: o que ele chama de **convencionalismo**, que seria o apego rígido ao *status quo*, e as regras do grupo social predominante, uma vez que esse apego gera a ilusão de que se participa do poder; forte **comportamento in-group**, com inquestionável submissão a autoridades morais idealizadas como líderes; que é exatamente o que vem sendo explicado ao longo do presente trabalho.

Tendências a **comportamentos autoritários** com os considerados “mais fracos” ou seja, com grupos minoritários, ou com os chamados *outgroups*, bem como todo e qualquer símbolo e ideologia que se refira negativamente as suas opiniões, apresentando atitudes hostis e punições extrasseveras para com os mesmos; e aqui, ressalta-se como a hostilidade se dirige não apenas a pessoas, mas também a ideologias, e até símbolos, como bandeiras, marcas, programas, e temos visto isso tomar grandes proporções atualmente, com a cultura do “cancelamento”, onde dissemina-se uma pessoa ou um grupo devido a atitudes consideradas questionáveis deve ser expulso(a) de uma posição de influência ou fama, ou boicotado.

Anti-intracção, opõe-se a tudo o que venha do interior, que seja subjetivo, imaginativo, introspectivo, até intelectual e crítico demais. Somam-se aos anteriores os traços de **superstição, estereotipia, poder e “dureza”**, relacionados entre si, e se referem ao fato do sujeito ter um pensamento restrito, dotado de rigidez, não reflexivo, e que divide a sociedade em categorias como fortes e fracos, dominadores e submissos; e lógico, ele deseja demonstrar que faz parte da categoria dos fortes e dominadores; **destrutividade e cinismo** provenientes da tendência do tipo autoritário em, de um lado, mostrar-se minimamente crítico e participante da democracia de modo cínico, indireto e velado.

Projetividade (no sentido freudiano), o indivíduo tem a percepção do mundo como perigoso, e tem tendência a projetar impulsos inconscientes de desejos, medos e fantasias de alteridade, principalmente das fraquezas que não querem assumir em si mesmos, projetando-as nos membros dos *outgroups*; e, por fim, **fixação com a sexualidade**, apresentando preocupação excessiva e até vigilância sobre a atividade sexual alheia e tentativa de controle moral e legal sobre corpos, desejos e expressões sexuais em geral. (DA COSTA, 2019, p. 20-21)

A partir da leitura de tais características, podemos compreender principalmente que essas figuras com tendência a personalidade autoritário, tem em seu funcionamento psíquico principalmente a projeção da agressão derivada de conflitos internos, e que se destinam à figuras externas, com um deslocamento inconsciente para esses objetos substitutivos dessa pulsão. Adorno (1951 *apud* DA COSTA, 2019), chega a considerar irracional a racionalidade dos autoritários, uma vez que seguem estereótipos, personalizações, abandonando a reflexão profunda, como defesa à realidade externa, e às experiências vividas.

Vê-se também a forte relação do autoritarismo com o chamado conservadorismo, advindo muitas vezes de uma infância de restrições, críticas e rigidez das figuras paterna e materna (DA COSTA, 2019), que levam as pessoas com tendência a personalidade autoritária a crer que a família, primeira forma de contato e relação do indivíduo com a sociedade, seja a que mais se aproxima do ideal para manutenção da ordem, relação essa, onde há essencialmente uma figura de autoridade, a quem todos os demais estão submetidos, e que em retorno, essa autoridade lhes dá provimento das necessidades e segurança.

Talvez por isso, Dunker (2018) afirme que é possível se reconhecer políticos potencialmente autoritários através de seu discurso “com referências à sua honestidade apelando para os filhos, como ele se dá o respeito porque ele deve obediência e respeito aos seus pais e filhos” (s/n), que demonstraria seu retorno ao familiar, e a submissão à essas figuras de autoridade.

Capítulo IV: Globalização, Líderes com Personalidade Autoritária e o Neoliberalismo

Traços de personalidade autoritária tem sido observado em líderes de massa em todo o mundo, incluindo a Alemanha nazista e a Itália de Mussolini, e é visto como uma forma de ganhar poder e controle sobre as massas, manipulando-as e influenciando suas opiniões, sentimentos e comportamento.

Ele argumentou que os líderes autoritários que possuem os traços de agressão e tendências à procura de poder frequentemente usam seu poder para impor suas crenças e valores ao público. Isto pode levar à criação de uma sociedade na qual as massas se conformem às crenças de seus líderes e estejam dispostas a aceitar a autoridade de seu líder. Em última análise, a obra freudiana sugere que aqueles com personalidade autoritária provavelmente terão uma forte influência sobre as massas de pessoas, e podem usar seu poder para moldar sociedades de maneiras que podem não ser do melhor interesse do povo.

É sabido que falas e discursos são constitutivos dos sujeitos. Desde a Revolução Industrial, quando os homens começaram a ser vistos como objetos para uso nas fábricas, que podiam levar à chamada mais-valia, naturalizaram a objetificação das pessoas, e o avanço do capitalismo, da industrialização e da busca desenfreada pelo consumo, criaram um sistema cada vez mais impessoal, voltado à interesses de dominação. Dominação essa, que para Da Costa (2019) pode ter sido a gênese de estereótipos preconceituosos, discursos justificadores de violências contra minorias e argumentações a favor de atitudes antidemocráticas. Tudo isso faz parte da chamada organização socioeconômica capitalista.

Hoje, mais do que nunca, o processo de globalização tem resultado em diversas formas de constituição subjetivas dos grupos sociais e das nações no mundo contemporâneo

(BHABHA, 1998; HALL, 2006 *apud* JESUS, 2013). A sociedade tem se utilizado, de forma intensa, das tecnologias da informação, da comunicação em rede, que tem levado as pessoas a não apenas terem muito mais acesso às várias culturas e notícias ao redor do globo, bem como levado à identificação cada vez maior de pessoas com outras que compartilhem ou não de suas formas de pensar, seus princípios morais, e principalmente de seus discursos e práticas sociais, sendo estas, cada vez mais compartilhadas e integradas, por reavaliação da importância dada a novos valores.

Como ressalta Magnoli (2003 *apud* JESUS, 2013), tal fenômeno de influência recíproca entre as culturas, tem relação não apenas com a maior possibilidade e liberdade de comunicação, mas também com a interdependência das economias mundiais, dos cenários geopolíticos, sociais e econômicos, que têm apontado para os aspectos macroestruturais da questão, tais como projetos expansionistas de empresas e organizações e aos movimentos governamentais de dominação político-ideológicas (HARDT & NEGRI, 2004 *apud* JESUS, 2013).

Movimentos governamentais de líderes, que se unem e trazem consigo o poder de decisão sobre a massa que o segue, sejam líderes políticos, como presidentes, que traz consigo a população de seu país, ou líderes de empresas que traz consigo a massa consumidora de seus produtos, etc., esses líderes fazem entre si, acordos políticos-comerciais a partir de benefícios mútuos entre si, sem necessariamente pensar no benefício da massa, impondo sua vontade, através do poder sobre ela. Entretanto,

[...] não há poder que se fundamente exclusivamente no medo. [...] Poder é, sempre e também, uma questão de promessas de êxtase e de superação de limites. Ele não é só culpa e coerção, mas também esperança de gozo. Nada nem ninguém consegue impor seu domínio sem entreabrir as portas para alguma forma de êxtase e gozo. (SAFATLE, 2020, p. 20)

Ou seja, esses líderes sabem que não há esperança sem medo, nem medo sem esperança, por isso mesmo, se utilizam de discursos baseados na psicologia das massas para o convencimento da população de que se submeter a suas vontades é a melhor saída. Estratégia esta, já usada por Hitler, constatando que as massas, tal como apontado por Freud (1930 - 2010) são capazes, sob influência da sugestão, de elevadas provas de renúncia e devoção a um ideal.

Assim, o que estudos mostram é que, diante de uma Alemanha destruída pós Primeira Guerra, o auto-intitulado Fuhrer (líder), soube falar as palavras certas, para despertar no povo alemão o respeito, a crença, a esperança, o medo, e os sentimentos de pertencimento, união, e nacionalismo exacerbado que levaram às já conhecidas perversidades do nazismo, baseado na ideia da supremacia da raça ariana (nós), contra os inimigos (imaginários) que seriam os judeus.

Muitas vezes, pessoas com tendência ao autoritarismo se autodenominam como conservadoras, quando na realidade, são pseudo conservadores, como cita Da Costa (2019), que defendem a desconstrução do Estado Democrático de Direito em defesa de seus desejos, causando restrição a representações de parte da população, diminuindo as conquistas das minorias por igualdade e justiça social.

Safatle (2022) ressalta que, os políticos atuais, parecem ter se especializado em mobilizar setores da população a partir de seu psicológico. Dentro da política uma das estratégias mais conhecidas e utilizadas é a de sobrepor as relações políticas às familiares, ou seja, sobrepor autoridades a figuras paternas/ maternas/ fraternas, criando a ideia de que a família seria o modelo de relação “harmoniosa” a ser almejada, e que teria a capacidade de transpor os conflitos sociais, e tem como pilar a autoridade baseada no amor e na devoção, e que apresenta como naturais e bem definidos os lugares de autoridade e submissão.

Assim, o autor (SAFATLE, 2022, p. 23) demonstra que, tal estratégia política, bem como econômica, leva à crença de que “o governo deva fazer o mesmo que uma dona de casa quando falta dinheiro”, pensamento que agiria na manutenção da docilidade, obediência, servidão, e dependência da população à figura de autoridade, e gerando uma identificação com o “agressor”.

Capítulo V: Por que as massas se sujeitam a líderes com personalidade autoritária?

Como já foi explicado no primeiro capítulo, as massas têm uma tendência natural a se sujeitar a figura de um líder, isso porque, há uma certa regressão nos indivíduos imersos na massa, para um modo de vida psíquico, semelhante ao do neurótico, da criança, do primitivo. Isso porque, o poder soberano, mesmo quando não se encontra efetivamente constituído na institucionalidade política, continua em latência como demanda fantasmática por amor e proteção para com essas figuras de autoridade e soberania, as quais, para essas pessoas, garantiriam a estabilidade de uma “unidade social” (FREUD, 1920 - 2011). Ou seja, os seres humanos estão sempre se sujeitando a uma figura de autoridade, seja um pai, um professor, o chefe da empresa, o líder religioso ou político.

A partir da crença de que a massa funcione como um organismo vivo, tal como nos indivíduos, onde ocorre o recalçamento do desejo materno, em nome do amor da figura paterna, para Dunker (2018) igualmente encontramos na massa a anulação dos desejos individuais, e uma forte propensão ao hipnotismo e fascinação pelo líder, fundamentados na idealização dessa figura do mestre, assim como um dia houve a idealização da figura de autoridade paterna ou materna.

Uma vez diante de uma sociedade construída sob a égide da constante mobilização do desamparo do medo iminente nos indivíduos de um suposto ataque a si, sua propriedade, individualidade, e mesmo a sua vida, por parte de um “outro inimigo”, sendo este, o diferente, as minorias, e todo aquele que foge do padrão da normatividade, um líder que demonstra postura firme e discurso engessado, cativam de forma magnética essas pessoas que se sentem incompreendidas, inseguras ou até mesmo com um medo real do futuro. (DUNKER, 2018).

A massa busca no líder um tipo de segurança e proteção que são confirmadas pela existência de um grupo de seguidores.

“Ou seja, me sinto mais seguro, simplesmente porque pertenço a um grupo que tem a mesma referência que eu. Isso recapitula nossa experiência primária, real ou imaginada, com a nossa família. Isso se apoia na idealização da figura do mestre, assim como um dia idealizei a figura de autoridade paterna ou materna.” (Dunker, 2018, s/n)

Interessante notar como tal dinâmica funciona ainda melhor quando esse líder é alguém comum com a qual as pessoas possam ainda, recair no fenômeno da identificação, se vendo representadas e elevadas ao poder por meio desta ligação privilegiada (DUNKER, 2018). O líder seria portanto a encarnação dos ideais.

Já para a massa, não incomodaria passar para a posição de objeto do qual o líder faz uso, pelo contrário, sentindo nisso uma espécie de prazer e honra. Tal fenômeno leva a uma condição de regressão cognitiva em tal grau que faz com que os indivíduos se deixem levar pelo contágio de afetos e os torna refratários ao debate de ideias e à confrontação com a contradição (DUNKER, 2018). Essa ligação se torna substituta das formas de racionalização e pensamento autônomo. Outrossim, a massa tem um sentimento de proteção em sua ignorância e soberba superioridade, meramente pelo fato psicológico de constituírem um todo.

De acordo com Cabral (2022), para quem o autoritarismo foi imposto no Brasil durante os 04 anos de governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, isso tem fundamento a partir das mudanças ocasionadas nas chamadas hierarquias sociais, causadas pelos movimentos e mobilizações sociais das minorias, no sentido de trazer mais igualdade e justiça social à pessoas negras, e àqueles considerados de classe social inferior, e que, diante disso, o mundo estaria mudando e as pessoas que pertencem à classe hegemônica não estão entendendo, nem lidando bem com tais mudanças, recaindo no fenômeno da anomia. E que tal estado de sofrimento, que demonstra uma falta, um sentimento de perseguição, um pensamento de que a sociedade atual está indo pelo caminho errado, e daí surgiria o ódio, e o apoio ao autoritarismo, diante desse sentimento de ameaça (CABRAL, 2022).

E foi assim que, no Brasil, na segunda década do século XXI, um conjunto de manifestações e expressões reacionárias de ordem político-cultural da extrema direita se fazem fortemente presentes e atuantes no país. Essa onda de conservadorismo e autoritarismo

foi guiada principalmente pelo discurso do então presidente, Jair Messias Bolsonaro, e encontrava seu fundamento em quatro pilares de poder, ou pelo que Cerasoli (2019 *apud* Pucci 2021) chama de Faces de poder: Face Militar; Face Pró-Segurança; Face Financeira; e Face Religiosa.

Em última análise, se considerarmos que houve um autoritarismo no Brasil, como supõe Cabral (2022) durante os 04 anos de governo Bolsonaro, o governo tinha apoio e fundamento nas Forças Militares, na crise financeira que o país se encontrava, com égide nas igrejas evangélicas neopentecostais que tem não apenas aumentado o número de fiéis, mas sobretudo aumentado sua representatividade no Congresso Nacional, e que utilizam-se do rádio, televisão, revistas e panfletos para divulgar ideologias político-religiosas, imiscuídas de “atitudes misóginas, racistas e homofóbicas” (PUCCI, 2021 p. 23). Apoio esse que tem papel de destaque inclusive no slogan de campanha do presidente com a frase “Pátria acima de tudo, Deus acima de todos”.

Ou seja, se na Alemanha nazista a grande solução para a crise que assolava o país era o genocídio dos judeus, os ciganos, os esquerdistas, no Brasil o que houve foi a substituição das vítimas de ataque e de rejeição desses, pelos “marxistas culturais”, os petistas, os LGBTQIAPN’s, os imigrantes entre outros.

Por isso, repetimos aqui, a pergunta que Lago (2020, p.4) se faz, e segue sem resposta: “Como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico ao ponto de sentirem-se representados por tal governo?”.

Considerações Finais

Observou-se com a presente pesquisa que, os líderes com personalidade autoritária são frequentemente vistos como poderosos e influentes e são capazes de usar isso para manipular as massas, criando uma falsa sensação de segurança e um ambiente de medo. Esses líderes costumam ter certos traços de personalidade que os tornam particularmente atraentes para as massas, tais como um forte senso de autoconfiança, um senso de superioridade e uma atitude autoritária, que criam um ar de confiança e obediência que lhes permite então controlar a população.

Embora a teoria freudiana mostre que estes traços são essenciais para que um líder seja bem sucedido em influenciar e manipular as massas, compreende-se atualmente que, tal influência nem sempre é desejável, uma vez que, o que a história tem nos mostrado, é que a mesma tem sido usada para benefício dos próprios interesses desses líderes, e não para o bem coletivo.

Notou-se que, aqueles que estão no poder repetidamente têm a tendência de usar indevidamente sua autoridade e explorar as massas para seu próprio ganho pessoal. E embora

esses líderes possam ser inicialmente admirados, eles eventualmente se tornam corrompidos por seu próprio poder e se tornam cada vez mais opressivos e impiedosos, influenciando as massas a atrocidades dos piores tipos, como guerras e genocídios. O que torna tal ciclo perigoso e destrutivo que leva à opressão das massas e à perpetuação do autoritarismo na sociedade.

Exemplo recente, foram os movimentos populares com atos de vandalismo e destruição dos ocorridos em janeiro de 2023, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, nos prédios dos Três Poderes; Congresso Nacional, Palácio do Planalto e no Supremo Tribunal Federal (STF) por parte de eleitores do ex- presidente Jair Messias Bolsonaro, que, desde o final de outubro, acampavam e se revoltaram, inconformados com o resultado das eleições presidenciais. Uma massa influenciada por seu candidato, que defende porte de armas, e teve falas defendendo e inclusive homenageando torturadores da época da ditadura, e que, ao ver seu líder derrotado, agiram de maneira anti democrática, tentando usurpar o poder do candidato efetivamente eleito.

Vê-se então que, os estudos freudianos sobre as formas de constituição do sujeito, sua inserção na massa e suas conexões com líderes e com a personalidade autoritária permanecem altamente relevantes em nosso cenário político moderno, pois eles fornecem uma visão das formas como o poder e a autoridade são usados para manipular as massas.

Tal importância recai no fato de que se, mantendo vivo esse conhecimento, e que o mesmo seja cada vez mais disseminado, possibilitando-nos entender essas dinâmicas, compreender os traços de personalidades autoritárias, possibilitando reconhecer e identificar os perigos de permitir que indivíduos com tais características ganhem poder e influência sobre grandes grupos de pessoas, e tomar as medidas apropriadas para evitar que tais pessoas assumam cargos de lideranças políticos.

Pois, ao entender as implicações deste fenômeno, e a dinâmica de poder em jogo em nossas próprias sociedades, é nossa responsabilidade lutar e garantir que os direitos do indivíduo, a dignidade humana, e sobretudo, a democracia sejam respeitados e protegidos.

Referências

BRITO, Ana Paula Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; DA SILVA, Brunna Alves. **A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 44, 2021.

CABRAL, Thiago. Bolsonarismo no divã da psicologia preta!, Psicólogo Thiago Cabral, *In: Youtube*. 10 de out. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NRmtDGeLWjk&t=526s>>. Acesso em 13 de nov. de 2022.

DA COSTA, Virginia Helena Ferreira. **A personalidade Autoritária: Antropologia Crítica e Psicanálise**. Orientador: Vladimir Pinheiro Safatle, São Paulo, 2019. 329p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia. 2019.

DA SILVA, Tayane Cristine Ferreira Clemente; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **O fascismo e as massas: uma análise da teoria freudiana sobre o contágio do ódio**. Problemata: Revista Internacional de Filosofia, v. 10, n. 5, p. 178-187, 2019.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Por que as pessoas têm fascínio por líderes autoritários? In: **Vice Brasil**. Política. Ribeiro, Eduardo. 29 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/7xq3vd/por-que-as-pessoas-tem-fascinio-por-lideres-autoritarios>>. Acesso em 01 de novembro de 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Originalmente publicado em 1930.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**, 1920-1923. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**, tradução Paulo César de Souza, 1ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros**. Psicologia & Sociedade [online]. 2013, v. 25, n. 3, pp. 493-503. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300003>>.

LAGO, Ivann. **O Jair que há em nós**. In Blog do autor. 28/02/2020. Acesso: 14/05/2020. In: <<https://ivannlago.blogspot.com/2020/02/o-jair-que-ha-emnos.html?fbclid=IwAR3lMwyoWpPQ0fP5rheMk2QkDpMvcHd0J65RPcyGhUXDJhakMBNNgQhGSJ4>>.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica, 5. ed. - São Paulo, Editora: Atlas, 2003.

LAVORANTI, Osmir José. **Técnicas de Pesquisa**. Curitiba: Depto de Estatística/ Setor de Ciências Exatas/UFPR, 2005. Apostila em formato digital.

MINAYO, Maria C. de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, v. 12, 2014.

PUCCI, Bruno. **Ensaio Filosófico-Educacionais: Teoria Crítica e Educação**. Vol 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 414p.

SAFATLE, Vladimir. **O Circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2ª ed. rev.; 6 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson Da Silva; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1 ed; 3ª reimpressão, Belo Horizonte: Autêntica 2022.